



Nesta Edição

Mensagem da Diretoria

Participação da Escola Brasileira de Espeleologia no 36º CBE

Sobreaviso: o quê? como? porque?

Contribuições de uma mulher para minha vida em caverna

Ação de Educação Ambiental Espeleológica – SEE

Lançamento da Revista Espeleologia Digital Nº 3

Relatório Anual de Atividades 2021 – SEE

Cecav/RN realiza expedição conjunta para ampliar o inventário da biodiversidade subterrânea

Expedição é realizada no Parque Nacional do Peruacu – Cecav

Abismo Guy Collet - Serra do Aracá, Amazonas

Coluna Amazonas

Grupos Aniversariantes

*E mais: mídia, ciência, grupos aniversariantes,
espaço do leitor, agenda*



**Bem-vindo ao Ano Internacional
das Cavernas e do Carste!**



MENSAGEM DA DIRETORIA

O mês de julho foi marcado até aqui pela preparação e organização para a ida ao 18º Congresso Internacional de Espeleologia (18º CIE), que está prestes a ocorrer na região de Savoie Mont-Blanc, na França. O Congresso Internacional é o evento de maior importância para a espeleologia mundial, promovido pela União Internacional de Espeleologia (UIS).

A Sociedade Brasileira de Espeleologia (SBE), com a ajuda e participação fundamentais de diversos sócios (as) e colaboradores (as), elaborou materiais impressos (panfletos e cartazes em inglês), além do site do 19º Congresso Internacional de Espeleologia (19º CIE), que será realizado em Belo Horizonte, em 2025, para divulgação da edição do evento em terras brasileiras no 18º CIE. Os materiais impressos serão expostos e distribuídos no stand da SBE no 18º CIE, espaço gentilmente cedido pela UIS com o objetivo justamente de divulgarmos informações sobre o próximo congresso e sobre a cidade sede.

A comitiva brasileira no 18º CIE irá representar a espeleologia nacional por meio da apresentação de trabalhos, pôsteres, e na participação em gincanas, como a espeleolimpíadas, e também nos diversos eventos paralelos que irão ocorrer durante o congresso. Será uma oportunidade para, individualmente e coletivamente, compartilharmos conhecimentos, experiências, metodologias, expectativas e mesmo preocupações, a exemplo da situação vulnerável em qual se encontra o patrimônio espeleológico brasileiro em função do Decreto nº 10.935/2022.

Para a SBE este será um momento de trocas institucionais e de observação. Acompanhar in loco aspectos da organização e execução do CIE e conversar com a Comissão Organizadora do evento será de enorme importância para a construção do 19º CIE no Brasil.

É com orgulho e com sentimento de responsabilidade que os integrantes da Comissão Organizadora do 19º CIE, eu, Cassimiro, Presidente da SBE, assim como os demais integrantes da comitiva brasileira irão para a França representar o Brasil, sabendo que já fazemos parte desse momento histórico da Sociedade Brasileira de Espeleologia.

Na próxima edição do SBE Notícias esperamos compartilhar o que vimos e vivemos no 18º CIE na França. Até lá, desejamos uma ótima leitura das matérias, notícias e artigos que compõem esta edição 433 do informativo, ricas e inspiradoras contribuições da comunidade espeleológica brasileira.

Bonne lecture!



*Roberto Cassimiro
Presidente da SBE*



Participação da Escola Brasileira de Espeleologia no 36° CBE

A comunidade espeleológica brasileira voltou a se reunir presencialmente no 36° Congresso Brasileiro de Espeleologia (CBE), o maior evento da espeleologia nacional, ocorrido entre os dias 20 e 23 de abril de 2022, na cidade de Brasília (DF), 21 anos após sua última realização na capital federal.

No dia 19 de abril, durante o período de pré-congresso, a eBRe esteve presente no Povoado de São João Evangelista, pertencente ao município de São Domingos (GO) e integrante da região do Parque Estadual de Terra Ronca (PETER), para a realização de atividades relacionadas à Introdução à Espeleologia junto à comunidade local, organizadas em parceria com o gestor do PETER e as secretarias municipais de Meio Ambiente e Turismo e de Educação dos municípios de Guarani de Goiás e São Domingos.

Durante a tarde, as crianças do povoado e dos municípios vizinhos interagiram com maquetes, banners e fotos sob a orientação de Mariana Timo e Carla Pereira, ambas membros da eBRe, trocando ideias sobre cavernas, animais e a região onde moram.

Ainda, foram distribuídos kits com uma pequena revistinha de colorir, adesivos, lápis de cor e um morcego de TNT. Esta revistinha é uma prévia de uma Cartilha Didática que está sendo elaborada pela eBRe, que pretende introduzir crianças e jovens ao mundo da Espeleologia.

A palestra planejada para o período noturno foi inviabilizada pela falta de energia elétrica na ocasião.

Contudo, uma boa conversa informal com os guias locais sob a luz de lanternas embaixo da Árvore do Jatobá propiciou uma importante troca de ideias entre a comunidade local e a espeleológica sobre a importância e peculiaridades do patrimônio natural e cultural da região.

Foram momentos incríveis que evidenciaram a importância de se incentivar ações educativas junto as comunidades estabelecidas em regiões próximas a ocorrências do Patrimônio Espeleológico Brasileiro!

Já durante a realização do 36° CBE, entre os dias 20 e 23 de abril, a eBRe promoveu a realização de uma Feira Espeleológica no local do evento, o Centro Convenções Ulisses Guimarães (CCUG).

A mesma contou com a exposição de amostras de rochas e de espeleotemas reais e artificiais, de réplicas de fósseis e de animais que habitam as cavernas e de equipamentos antigos, que os espeleólogos usavam no passado para conseguirem explorar cavernas.

Além da interação com este acervo e seus monitores (Mariana Timo, Carla Pereira, Maria Elina Bichuette e Icaro Assis), os visitantes da Feira tiveram contato com os stands de trabalhos que estavam sendo apresentados no Congresso, possibilitando o diálogo com espeleólogos que compartilharam seus conhecimentos relacionados à formação das cavernas, à fauna subterrânea e a importância da preservação destes ecossistemas.



As crianças ganharam kits com uma pequena revistinha de colorir, adesivos, lápis de cor e um morcego de TNT.



Foi ainda, com imensa alegria, que contamos com a apresentação do projeto “Cavernours: o uso de vídeos curtos como ferramenta de ensino” de Pedro Henrique Felix Abreu, aluno da Escola Estadual João Rodrigues da Silva de Prudente de Moraes (MG), um dos trabalhos premiados na Mostra Científica Regional – “CientizaR2021” com o credenciamento e apresentação de seu trabalho no 36° CBE!

Importante agradecer aos parceiros que contribuíram para a realização destas atividades: a Sociedade Excursionista e Espeleológica (SEE), pela disponibilização de maquetes, amostras e equipamentos históricos; o Museu de Geociências da UnB, que disponibilizou amostras de rochas e espeleotemas; o Instituto Brasileiro de Estudos Subterrâneos (IBES), que disponibilizou material de divulgação e réplicas de animais que vivem em cavernas; o Prof. Dr. Luiz Eduardo Panisset Travassos, por disponibilizar amostras de rochas e réplicas de fósseis; e o Opilião – Grupo de Estudos Espeleológicos (OGrEE), que disponibilizou fotografias representativas do ambiente subterrâneo para exposição.

Fonte: site da eBRe/SBE, 29/04/2022.



No segundo dia de evento, 21 de abril, sob a organização de Renata Momoli, a Feira recebeu a visita especial dos alunos do Serviço Social da Indústria de Goiás (SESI/GO). Os mesmos percorreram toda a exposição da Feira e stands montados, e, ainda, assistiram ao vídeo “Uma Viagem Sob o Horizonte”, produto de uma parceria entre a eBRe e o espeleofotógrafo espanhol Víctor Ferrer.



Autoridades presentes: gestor do PETeR, secretários de Meio Ambiente dos municípios de São Domingos e Guarani de Goiás, secretária de Educação, diretora e professores da Escola Municipal de Guarani de Goiás, membros da eBRe.



Visita dos alunos do Sesi/GO.



Apresentação do projeto “Cavernours: o uso de vídeos curtos como ferramenta de ensino”.

Sobreaviso: o quê? como? porque?

O que é

Sobreaviso é o procedimento de segurança que deve ser adotado sempre que alguém ou um grupo de pessoas pretender realizar uma atividade em área remota que garante que haverá pessoas capazes de acionar um resgate em caso de problemas na saída.

Objetivo

Tem por objetivo garantir que existam pessoas que não participam diretamente da atividade e que tenham informações suficientes para poder, com propriedade, acionar um resgate em caso de atraso no retorno do grupo.

É importante ter pessoas nessas condições em todas as atividades remotas realizadas pois, havendo algum imprevisto, incidente ou acidente durante essa atividade, a própria equipe pode se ver impossibilitada de acionar um resgate em tempo hábil.

Como implementar um sobreaviso

O ideal é que haja, ao menos, duas pessoas de sobreaviso, diferentes e independentes entre si, de forma que qualquer imprevisto que afete qualquer uma delas não desmonte completamente a estrutura de sobreaviso implementada.

Um cuidado importante que deve ser tomado é passar os contatos das pessoas que estão de sobreaviso para que os integrantes da saída os repassem a familiares, companheiros, companheiras, etc. de modo que, caso alguma dessas outras pessoas fique preocupada com a eventual falta de notícias, tenha a quem recorrer sem precisar acionar, às vezes desnecessariamente, um resgate.

As pessoas que estiverem de sobreaviso devem contar, no mínimo, com as informações abaixo listadas.



Informações mínimas

1. Nome do(s) local(is) a ser(em) visitado(s) (nomes das cavidades, parques, fazendas, etc.);
2. Data e hora previstos para o início da atividade;
3. Data e hora limite do contato ao final da atividade;
4. Distância total;
5. Quantidade de pessoas envolvidas na atividade;
6. Quantidade de veículos;
7. Marca, modelo, cor e placa de cada veículo envolvido. Como é difícil ter essas informações com antecedência, pode ser mais fácil só tirar uma foto de cada veículo logo antes da saída e enviar para os sobreavisos;
8. Atividade prevista: visitação, treinamento de vertical, topografia e exploração, espeleomergulho, etc.;



9. Contato (no mínimo nome e telefone) de quem deve ser contactado caso se ultrapasse o horário limite definido no item 3 sem informações do grupo;
10. Nome completo e telefone de quem está fornecendo essas informações;
11. Data das informações.

Lembrando que o item 9 deve garantir sempre o acionamento da SER através de um de seus representantes, seja qual for a situação: simples atraso, informação concreta de acidente, etc. O Corpo de Bombeiros só deve ser acionado nos casos onde houver informação concreta de acidente.

Informações adicionais opcionais

A seguir listamos outras informações de interesse que podem também ser disponibilizadas para o sobreaviso. Mas lembre-se, é muito mais importante que haja ao menos duas pessoas de sobreaviso com as informações mínimas do que só uma ou nenhuma porque não se conseguiu obter alguma das informações abaixo:

- distância no asfalto;
- distância e condições esperadas da estrada de chão;
- distância de caminhada;
- situação das trilhas disponíveis no local: bem marcadas, tipo, altimetria, etc.;
- existe local para pouso de helicóptero nas proximidades?
- há linhas de transmissão nas proximidades?
- coordenadas do local de pouso de helicóptero;
- acessível a veículos convencionais? exige 4x4?
- coordenadas geográficas nas cavidades visitadas;
- mapa das cavidades visitadas. Se possível, verifique a correção das coordenadas através de algum mapa online: Google Maps, Google Earth, Bing, etc.;
- nome da propriedade onde se encontra a cavidade;
- contato do dono e/ou responsável pela propriedade através do qual se acessa a região visitada;
- tracks de acesso de carro (asfalto X terra) e a pé;
- pontos de referência: ponto de estacionamento, sede da fazenda, cruzamento de rios, pontes, etc.;
- local mais próximo onde há sinal de celular (sede da fazenda, vilarejo, BR, etc.);
- nível de experiência dos envolvidos na atividade.

Fonte: site da SER/SBE, 28/03/2022.



Contribuições de uma mulher para minha vida em caverna

Por Fabiano Faga

Programa de Pós-Graduação em Ecologia da Universidade Federal de Santa Catarina (POSECO/UFSC)
Espeleo Grupo Teju Jagua (EGTJ - SBE G125)

A sugestão para que escrevêssemos um texto homenageando as mães para a edição de maio de 2022 da SBE Notícias mexeu com a minha cabeça. Na hora, a primeira coisa que me veio à mente foi uma proibição. Minha mãe dizia para o meu pai: “Você não vai para a caverna junto com o Bi! Se alguma coisa acontecer com vocês dois, quem vai cuidar de mim?”

Eu só fiquei sabendo dessa situação depois de seu falecimento. Minha mãe morreu em 18 de junho de 2021, devido a um câncer de mama metastático, aos 55 anos. Junho é, portanto, um mês muito mais ligado à memória da minha mãe do que maio.

Curiosamente, Ursula Faga Pacheco foi a primeira pessoa que me levou a uma caverna, a Gruta dos Crioulos (SP-333), em Campos do Jordão. Naquele tempo, a infraestrutura e o caminho de acesso eram muito mais precários. Ouvi dela que a gruta recebeu esse nome devido a escravos fugidos que ali se esconderam. A caverna, uma formação granítica simples, fascinou-me há 25 anos, quando num inverno lá percorri o seu interior com piso de barro batido.

Alguns meses antes de eu me mudar para Florianópolis, fizemos uma viagem em família e um dos locais que visitamos foram as furnas do Parque Estadual de Vila Velha, em Ponta Grossa. Percorremos uma das trilhas guiadas no inverno de 2004, um ano depois da descoberta de um tumor na sua mama esquerda. Achei curioso os nomes dados a algumas das formações rochosas no arenito. Camelo, rinoceronte e outras cujas semelhanças entre o nome popular e a aparência são questionáveis. Ao final do caminho, um buraco e pudemos admirar a imponência daquele abismo.

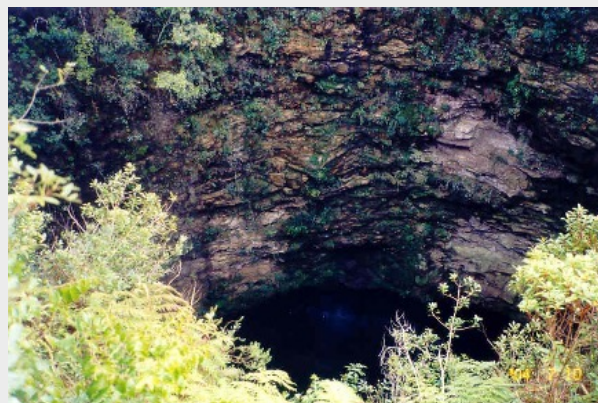
Nessa mesma viagem, ainda fui apresentado às furnas de abrasão marinha em Torres. Diferentemente das furnas similares de Florianópolis, que se desenvolvem no ignimbrito, na cidade gaúcha, temos no Morro das Furnas, parte do Parque Estadual da Guarita José Lutzenberger, a predominância de basalto e arenito.

Em 2013, ela já estava considerada curada do câncer. E, numa visita a parentes distantes, fomos apresentados ao teleférico do Monte Titlis, em Engelberg, Suíça. Lá, fugindo do meu tio tão-tão-distante, embrenhei-me numa caverna na neve, situada em um glaciér cujo gelo foi formado há mais de 5 mil anos. Deu certo essa fuga. Fizemos meu parente se cansar e conseguimos aproveitar o fim de tarde entre as muralhas de Luzerna.

Acabou sendo ela também que estava ao meu lado na Postojnska Jama, uma das maiores cavernas do mundo, situada na Eslovênia. Na época, eu já era membro do Espeleo Grupo Teju Jagua, mas quase todas as cavidades exploradas por mim na época eram no embasamento cristalino granítico do Batólito Florianópolis. Adentrar uma caverna carbonática



Gruta dos Crioulos, Campos do Jordão (SP), 22 de julho de 2012.



Furna no Parque Estadual de Vila Velha, Ponta Grossa (PR), 10 de julho de 2004.



Parque Estadual de Vila Velha, Ponta Grossa (PR), 10 de julho de 2004.



daquelas dimensões foi fantástico. Fizemos o percurso turístico, incluindo o trem que percorre 3,7km em seu interior. Foi lá também que vi o primeiro troglóbio da minha vida, o proteus (*Proteus anguinus*). Nesse ano de 2017, ela já havia descoberto a metástase. Ao sair do trem, a filmadora flagrou um vulto ao seu lado, interpretado como um sinal de boa sorte.

Sorte ela teve bastante. Aproveitou a vida como poucos. Superou a sobrevivência média após a descoberta do espalhamento do câncer e grande parte do tempo viveu com qualidade. Com ela, estive em cavernas de diferentes origens (granito, arenito, basalto, gelo, calcário). Queria poder ter estado em outras mais. Ela não chegou a conhecer nenhuma das grutas de Florianópolis. Mas certamente um dia suas cinzas, lançadas no litoral paulista, irão chegar em algumas das muitas furnas de abrasão marinha banhadas pelas águas. E toda vez que eu percorrer o seu interior estarei a me questionar se minha mãe estará comigo de alguma forma, acompanhando-me durante a exploração.



Morro das Furnas (Torre do Meio), Parque Estadual da Guarita José Lutzenberger, Torres (RS), 15 de julho de 2004.



Postojnska Jama, Postojna, Eslovênia, 18 de maio de 2017.



Glacier Cave, Monte Titlis, Engelberg, Suíça, 12 de maio de 2013.

SEE

Ação de Educação Ambiental Espeleológica

"Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção". Paulo Freire.

Por Vitor Martins,

Colaboradores da ação: Amanda Caporali, Leandra Peixoto, Priscila Gambi e Vitor Martins.



No dia 28/05/2022 ocorreu na Escola Municipal Professor Hélio Homem de Faria, localizada no bairro Padre Faria em Ouro Preto, uma ação de educação ambiental espeleológica proposta por Leandra Peixoto, aluna do departamento de ciências biológicas e sócia da Sociedade Excursionista e Espeleológica – SEE, com apoio da entidade através do projeto SEE solidária.

As atividades ocorreram em um sábado letivo em que os alunos, pais e comunidade foram convidados para uma manhã de confraternização e apresentações com a temática “família”. Em parceria com a empresa júnior do curso de ciências biológicas – Eremanthus – foi apresentado a todos o Vale do Ojô, uma importante área do bairro, de relevância espeleológica, hídrica, histórica e cultural.





Fonte: Acervo da SEE/UFOP.

O objetivo principal da ação foi apresentar e aproximar a comunidade das riquezas naturais presentes no entorno, informar sobre problemas ali existentes, mostrar como isso os atingem, buscando sensibilizá-los a criar uma consciência da importância de se conservar.

A apresentação foi dividida em três etapas:

- Contextualização da área elucidando sua relevância histórica e cultural para o município de Ouro Preto e comunidade local, já introduzindo uma abordagem sobre os recursos hídricos presentes e sua íntima relação com as cavidades ali presentes;
- Diálogo e dinâmicas voltados para a relevância das cavidades naturais em alguns de seus diversos

aspectos como turística, cultural, arqueológica e socioambiental trazendo algumas problemáticas para discussão, tais como o descarte de lixo inadequado, qualidade da água e poluição, extremamente evidentes na área;

- Confecção em conjunto com alunos de um mural arqueológico simbólico que ficará em exposição interior da escola. Para os pais e comunidade, houve a aplicação de um formulário já previsto pela SEE para traçar um perfil da comunidade local com relação às suas percepções do meio em que estão inseridos objetivando a continuidade das ações.

As ações de educação ambiental são potências transformadoras para o equilíbrio do meio ambiente em que vivemos. A experiência vivida junto à comunidade e a abertura da escola para iniciativas externas criaram oportunidades de novas intervenções futuras que estão em elaboração e serão concretizadas em breve. Agradecemos a todos que tornaram possível esta atividade, em especial, a diretora Íris e pedagoga Roseni, a dona Ica moradora do bairro e liderança da Casa de Cultura do Bairro Padre Faria, e a Eremanthus que se prontificou logo de início a participar de forma colaborativa e construtiva.

Fonte: [blog da SEE/UOP](#), 13/06/2022.



Fonte: Acervo da SEE/UFOP.

Lançamento da Revista Espeleologia Digital Nº 3

Por Maria Isidora R. Lopes,

A Sociedade Excursionista e Espeleológica tem o prazer de anunciar neste mês de maio de 2022 o lançamento oficial da terceira edição da Revista Espeleologia Digital. Publicada hoje, dia 12, dispõe de múltiplos trabalhos, artigos e matérias que abrangem as diversas áreas interdisciplinares da espeleologia.

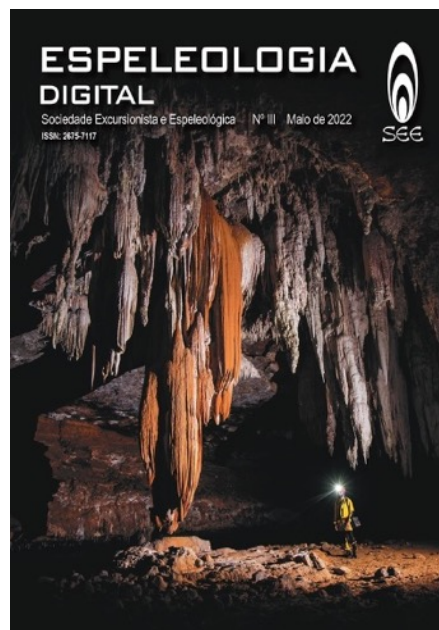
Após 84 anos, a SEE continua desenvolvendo o conhecimento científico e propagando em seus mais variados meios de comunicação a espeleologia no Brasil. No decorrer das décadas foram lançadas onze edições impressas e a partir de 2017 deu-se início a versão digital, todas as revistas estão disponíveis para download em nosso site oficial.

Esta edição conta com onze artigos e oito matérias sobre os mais variados ramos da espeleologia, como a geomorfologia, o espeleoturismo e a educação ambiental, geoespeleologia, arqueologia e paleontologia.

A Revista Espeleologia é mais uma grande herança para nossa entidade, convidamos todos a apreciar e desfrutar da terceira edição digital, a SEE agradece a participação dos autores e da equipe editorial que contribuíram para a realização e publicação.

Para acessar e realizar o download da Revista Espeleologia Digital – no. 3, click na capa.

Fonte: blog_da_SEE/UOP_12/05/2022.



Relatório Anual de Atividades 2021 - SEE

É com imenso prazer que convidamos todos os parceiros, comunidade espeleológica e estudantes a lerem o Relatório Anual de Atividades da SEE. Para esse fim, os membros da diretoria e os demais integrantes ativos da entidade reuniram neste documento as principais atividades que ocorreram durante o ano de 2021.

A divisão das atividades realizadas foi planejada de acordo com o caráter das ações, que envolvem a espeleologia de uma maneira geral e foram classificadas nos seguintes tópicos: (i) Projetos; (ii) Participação e Realização de Eventos, (iii) Publicações Científicas e (iv) Relação de Atividades de Campo.

A SEE agradece a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para a realização das atividades e deseja uma ótima leitura!

Acesso o “Relatório Anual de Atividades 2021 – SEE”, e os outros Relatórios em nosso **Acervo Digital!**

Fonte: blog_da_SEE/UOP_27/05/2022.



Cecav/RN realiza expedição conjunta para ampliar o inventário da biodiversidade subterrânea

Ação envolveu equipe do Cecav e de instituições parceiras em viagem pelos municípios do Rio Grande do Norte e Ceará

Entre os dias 09 e 18 de maio, o Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Cavernas (ICMBio/Cecav) esteve presente em uma expedição que percorreu o Parque Nacional da Fuma Feia e os municípios de Baraúna, Mossoró, Governador Dix-Sept Rosado e Caraúbas, no Rio Grande do Norte, além do município de Quixeré, no Ceará. Durante a atividade, foram realizadas coletas de invertebrados cavernícolas em 15 cavernas e duas nascentes cársticas no oeste da formação Jandaíra. A expedição foi responsável pela descoberta de uma provável nova espécie de planária troglóbica (*Tricladida*) na caverna do Olho d'Água do Cedro, em Baraúna.

A ação atendeu a dois projetos coordenados pela Base Avançada do ICMBio no Rio Grande do Norte: "Filogeografia de invertebrados cavernícolas em formações ferríferas e carbonáticas: evolução e conectividade biológica em ambientes subterrâneos como definidores de ações de conservação" e "Revelando a biodiversidade subterrânea em um oásis na Caatinga". Esses projetos envolvem, além do CECAV, 26 pesquisadores de sete universidades e instituições de pesquisa e resultarão, entre outras publicações, em duas iniciações científicas, quatro mestrados, seis doutorados e dois pós-doutorados. Ambos os projetos estão inseridos no Termo de Compromisso de Compensação Espeleológica (TCCE) 1/2018, firmado entre ICMBio e Vale S.A.

Além da coleta complementar de invertebrados troglóbicos para análises genômicas, foram coletados

microcrustáceos cavernícolas e amostras de água, com o objetivo de produzir o primeiro inventário desses organismos em cavernas da região e caracterizar o ambiente onde ocorrem. Também foi feita coleta complementar de invertebrados troglóbicos pertencentes a espécies não descritas e a captura de invertebrados cavernícolas para manutenção em cativeiro e realização de análises cronobiológicas.

Participaram da expedição o analista ambiental Diego de Medeiros Bento e o técnico ambiental José Latagan de Freitas, ambos da BAV CECAV/RN. Também estiveram presentes pesquisadores da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), da Universidade Federal de Lavras (UFLA) e da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

O trabalho realizado terá continuidade a partir da triagem do material coletado, análises de água e morfológicas, aclimatação em terrários dos indivíduos capturados e, posteriormente, início das análises cronobiológicas. Além disso, será planejada uma nova expedição para coleta complementar de indivíduos para completar o dataset para análises genômicas e descrição de novas espécies.

Fonte: site [Cecav](#), 01/06/2022.



Atividades na caverna dos Crotes, município Felipe Guerra (RN).



Kinnapotiguara troglobia. Felipe Guerra (RN). Foto: Diego Bento.



Coleta na caverna da Pedra Lisa. PARNA da Fuma Feia.





Gruta do Janelão, Peruaçu (MG). Foto: Jocy Brandão.

Expedição é realizada no Parque Nacional do Peruaçu

Na ocasião, foi realizada vistoria técnica em área proposta para compensação espeleológica

Entre os dias 02 a 06 de maio, uma equipe do Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Cavernas (ICMBio/Cecav), representantes da Vale e da Brandt Meio Ambiente estiveram presentes no Parque Nacional do Peruaçu (MG), unidade de conservação federal administrada pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio). Durante a expedição, foi realizada uma vistoria técnica em área proposta para compensação espeleológica, além de produções audiovisuais que irão compor o banco de imagens do centro de pesquisa. Na Gruta Janelão, localizada no interior da UC, foi possível obter imagens aéreas internas. A ocasião também oportunizou uma inspeção nas estruturas de apoio à visitação do parque.

A Fazenda Cordisburgo 1 é propriedade da Vale e está totalmente localizada no interior do parque. Pela área proposta apresentada, parte de sua extensão visa compensar 24 cavernas de alta relevância impactadas pelo empreendimento N4 N5, em Carajás (PA). Pelo ordenamento legal em vigor, o empreendimento deve compensar 48 cavernas com similaridade de atributos (alta relevância). Estudos mais detalhados do patrimônio espeleológico serão realizados pela empresa com o intuito de dar andamento ao processo e assinatura do Termo de Compromisso de Compensação Espeleológica (TCCE).

Patrimônio espeleológico local

A expedição percorreu diversas cavernas da Fazenda Cordisburgo 1. No primeiro dia de viagem, uma das cavernas identificadas pelo estudo mostrou-se bastante peculiar, pelas galerias meandantes de teto baixo, piso em areia e água. Ao final da visita, foi identificada uma grande população de tatuzinhos aquáticos troglóbios do gênero *Xangoniscus* (Isopoda: *Styloniscidae*). No segundo dia, foram vistoriadas uma área do planalto carbonático sobre os lapiás (formação típica de relevos cársticos) e a caverna Pica Pau, de grande projeção linear, com amplos e volumosos condutos, além de abismo e espeleotemas raros, como agulhas de gipsita (gesso ou sulfato de cálcio hidratado). O sobrevoo por estas áreas mostrou uma

grande concentração de dolinas de dissolução, abismos, arcos de pedra e um ótimo potencial para abrigar grandes sistemas espeleológicos.

Além do coordenador do ICMBio/Cecav, Jocy Cruz, participaram da expedição os analistas ambientais do centro de pesquisa, Cristiano Ferreira e Diego Medeiros Bento, além dos representantes da Vale, Iuri Brandi e Robson Zampaulo e da Brandt Meio Ambiente, Thiago Lima e Allan Calux.

Compensação espeleológica

As cavidades naturais subterrâneas são protegidas nos termos da legislação ambiental brasileira. Empreendimentos e atividades potencialmente impactantes ao patrimônio espeleológico devem passar por licenciamento ambiental e adotar medidas de compensação como forma de compatibilizar as atividades econômicas e a proteção ao meio ambiente.

Em 2008 foi publicado o Decreto nº 6.640 que, entre outros pontos, introduziu no arcabouço jurídico brasileiro a possibilidade de supressão de cavernas, bem como o conceito de relevância de cavidades naturais subterrâneas, que passaram a ser classificadas em graus máximo, alto, médio e baixo de relevância, sendo somente as de máxima relevância protegidas de impactos negativos irreversíveis. O Decreto nº 6.640/2008 ainda institui formas de compensação por impactos ambientais ao patrimônio espeleológico no rito do licenciamento ambiental.

A publicação do Decreto 10.935/2022 manteve a compensação espeleológica e, nos casos de impactos negativos irreversíveis em cavidades naturais subterrâneas com alto grau de relevância, define basicamente duas formas de compensação espeleológica: a primeira, como regra geral para o licenciamento ambiental, o empreendedor deve assegurar a preservação de cavernas in loco. Já a segunda, possibilita ao Instituto Chico Mendes a definição, de comum acordo com o empreendedor, de outras formas de compensação.

Fonte: site [Cecav](http://Cecav.org.br), 13/05/2022.





Visão aérea dos paredões da Serra do Aracá com as cachoeiras do Eldorado e Abatimento.

Foto: Daniel Menin

Abismo Guy Collet - Serra do Aracá, Amazonas A mais profunda caverna do Mundo em Quartzito?

Ezio Luiz Rubbioli

GBPE - Grupo Bambuí de Pesquisas Espeleológicas

A história é longa, complexa e cheia de mistérios. Mas vale a pena ser contada em sua versão mais completa uma vez que o final ainda é incerto. E cabe a cada um avaliar e interpretar os limites entre o místico e o científico; o real e o imaginário; o exagero e o possível.

Tudo começou no ano de 1972 no encontro nada casual entre o “índio” Tatunca Nara e o escritor alemão Karl Brugger na Amazônia brasileira. Tatunca se dizia filho de um chefe indígena com uma freira (ou de um soldado nazista com uma nativa¹) e contava histórias da sua tribo chamada Ugha Mogulala há muito perdida no meio da floresta (Ugha significaria “aliado”; Mongu, “escolhido”; e Lala, “tribos”²). Uma civilização que havia construído uma cidade onde os túneis e ruas eram de ouro e as paredes revestidas de esmeraldas. Um povo que havia ajudado na construção da famosa Machu Picchu, no Peru, combatido uma suposta invasão nazista na Amazônia na década de 30 e mantinha contato com alienígenas. Este motivo era a justificativa dos modos diferentes de Tatunca, que era loiro e falava perfeitamente alemão. Sua cidade natal, segundo ele, tinha o nome de Akakor.

Anos mais tarde, Karl Brugger escreveu o livro “A Crônica de Akakor” relatando a história de Tatunca e sua tribo. Imediatamente o livro virou um sucesso, em especial na Europa e em particular entre os aficionados pelas civilizações perdidas. Tatunca, que morava na pequena cidade da Barcelos (localizada às margens do rio Negro, a 500 km de Manaus) passou a ser uma celebridade procurada pelos amantes de aventuras. Um

verdadeiro guia turístico que se propunha a levar seus guiados a um mundo desconhecido. Mas todo misticismo que envolvia a história seria pouco perto da sequência de fatos. Alguns aventureiros guiados por Tatunca não voltaram para casa. Em 1980 foi um americano, em 1984 um suíço e depois uma alemã naturalizada sueca em 1987. Todos sumiram sem deixar pistas tendo como ponto comum o contato com Tatunca e a busca pela civilização de Akakor. E para colocar mais tempero nesta “salada”, em 1984 o escritor Karl Brugger foi brutalmente assassinado no Rio de Janeiro.

Pressionada pelos parentes em busca de respostas, os desaparecimentos chamaram a atenção da polícia. E a história começou e ser mudada... Tatunca Nara era na verdade o alemão Hans Richard Günther Hauck, que chegou ao Brasil em 1968 deixando para trás a esposa e três filhos. Desde então levava uma vida reservada na região de Barcelos. Embora tanto a polícia brasileira como a alemã tenham indícios da autoria dos crimes, nenhum dos casos foi esclarecido e Tatunca Nara permaneceu em liberdade e mora até hoje no interior da Amazônia³.

Em 1992 é fundado na Itália o Akakor Geographical Exploring tendo como objetivos “proteger e valorizar a natureza e o ambiente, realizar explorações e estudos científicos e técnicos e implementar projetos e intercâmbios culturais em várias áreas”⁴. O encontro de Tatunca Nara e os italianos do Akakor, apesar de previsível e inevitável, levou mais de uma década para acontecer.

¹ Algumas fontes divergem sobre a paternidade de Tatunca Nara, mas todas confirmam que ele se dizia ser filho de europeu com indígena

² Site A Verdade do Mundo <http://averdadenomundo.blogspot.com.br/2012/10/akakor-e-seus-misterios.html> que defende teorias sobre misticismo, civilizações alienígenas e até mesmo fatos contraditórios nos ataques terroristas de 11 de setembro.

³ O programa Fantástico da Rede Globo que foi ao ar em 1990 conta com detalhes a história do Tatunca Nara, da civilização de Akakor e os mistérios envolvidos no desaparecimento de turistas. www.youtube.com/watch?v=ayObcXTPRd4

⁴ Fonte no site da Akakor www.akakor.com



Os italianos fizeram expedições na Amazônia brasileira a partir de 2003. As primeiras duas viagens foram dedicadas a contatos na região de Barcelos (alto Rio Negro), reconhecimento da infraestrutura e logística regional⁵. Em 2006, uma expedição de 20 dias culminou com a descoberta do Abismo Guy Collet, na Serra do Aracá, anunciado na época como sendo a caverna mais profunda do Brasil, da América do Sul e do Mundo em quartzito. E um dos principais protagonistas foi o “índio” Tatunca Nara (ou se preferirem, Hans Richard) que não só guiou a expedição, mas também foi responsável direto pela descoberta da entrada do abismo. Aparentemente o seu envolvimento com fatos sinistros não foi suficiente para afastar os italianos, que deram a ele o título de sócio emérito do Akakor Geographical Exploring⁶. Mas realmente até hoje Tatunca é reconhecido pelos moradores de Barcelos como sendo um profundo conhecedor das áreas mais inóspitas da região.

De imediato a notícia chamou a atenção de toda comunidade espeleológica, sobretudo aqueles envolvidos com a exploração de grutas verticais em quartzito. Na época as mais profundas cavernas do Mundo estavam localizadas no Pico do Inficionado (Minas Gerais) e nos Tepuis venezuelanos e eram exploradas pelo Grupo Bambuí, o grupo italiano La Venta e os venezuelanos da SVE, Sociedad Venezolana de Espeleologia, respectivamente. Parecia incrível que uma expedição a um local tão ermo, de difícil acesso (2 a 3 dias de barco e mais 2 dias de caminhada só para atingir o topo do platô) e limitada em termos de tempo e mão de obra (somente 3 espeleólogos participaram da exploração do Abismo Guy Collet) tenha conseguido resultados tão expressivos. Quais os motivos de levar centenas de metros de cordas para uma montanha onde nem sequer tinham a certeza da existência de grutas verticais? Além disso, o quartzito possui características bem particulares que dificultam muito as explorações, em especial a fixação de cordas. No Inficionado foram anos desenvolvendo e adaptando técnicas para substituir os tradicionais spits. Mesmo assim, a instalação de cordas continua sendo um processo lento e repleto de variáveis. E até onde sabíamos os espeleólogos do Akakor não tinham tanta experiência em grutas verticais e muito menos neste tipo de litologia. Isso podia ser claramente observado nos relatos onde demonstravam surpresa em encontrar rochas tão friáveis e difíceis de fixar spits. “plantar spits em quartzito é uma tarefa árdua, porque antes de encontrar a rocha apta deve-se retirar por volta 20 cm de lama e húmus” cita Epis em seu relato (Epis & Ayub 2006).

Em outro trecho no mesmo artigo confirma “somos mais lentos ao plantar os spits porque as paredes de quartzito no interior da gruta são absolutamente friáveis. “Também, ao descreverem os espeleotemas encontrados em um salão a poucos metros da entrada - descritos como “um fenômeno bastante raro” (Epis & Ayub 2006) ou “Interessantíssimo!” (Epis, 2006) - eles reafirmam a falta de conhecimento sobre o quartzito.

Seja no Caraça ou até mesmo em outras cavernas do Aracá, espeleotemas são feições abundantes e comuns de serem encontradas. Lógico que menores em quantidade e profusão se comparados com as cavernas carbonáticas, mas longe de serem uma raridade.

Para complicar ainda mais, os relatos publicados e sobretudo o mapa, não davam informações precisas que ajudassem a entender. Por outro lado, o Brasil oferecia opções mais fáceis e um potencial ainda pouco conhecido.

A região norte do Brasil e sul da Venezuela é caracterizada por um relevo bem particular conhecido como Tepuis: montes residuais que dizem ser algumas das feições remanescentes mais antigas do planeta. A principal característica são os platôs com superfície plana limitados por escarpas verticais que chegam a mais de 1 km de altura. Do lado venezuelano centenas de feições deste tipo podem ser encontradas formando uma paisagem incrivelmente bela, inóspita e inacessível.

Atingir o topo destas montanhas e, consequentemente o local onde estão as entradas das cavernas, nem sempre é fácil. Além da dificuldade de acessar a própria base do paredão devido à vegetação amazônica e os rios caudalosos, a maioria dos locais não possui trilhas até o topo devido à morfologia vertical das suas paredes. Com isso, é comum o uso de helicópteros nas expedições espeleológicas. Considerando o lado brasileiro, os Tepuis são bem mais modestos, tanto em altura como em quantidade. Existem vários que ficam na divisa Brasil- Venezuela, mas somente um pode ser considerado totalmente “nacional”: a Serra do Aracá.

A expedição que começava a tomar forma não tinha o objetivo específico de encontrar o Abismo Guy Collet, mas sim fazer um reconhecimento da região, estreitar contatos locais e avaliar o potencial para futuras explorações. E assim foi confirmada a primeira viagem na região para o mês de novembro de 2014. Éramos sete espeleólogos, sendo 4 italianos (Francesco Sauro, Natalino Russo, Daniela e +1) e 3 brasileiros (Alexandre Lobo, Daniel Menin e eu). Alugamos um avião e realizamos um sobrevôo fantástico sobre a serra do Aracá a partir de Barcelos. Uma paisagem incrível e impressionante com cachoeiras e paredões enormes em meio a uma floresta exuberante. Por outro lado, conseguimos observar poucas feições que realmente poderiam ser associadas a cavernas. Uma ou outra fenda ou depressão eram visíveis, mas nada que pudesse ser comparado com as mega dolinas que pontuam o alto dos Tepuis venezuelanos. Mas o maciço era enorme e se estendia por quilômetros ao norte do



Livro publicado na Itália relata as expedições realizadas pelo grupo Akakor na região da Serra do Aracá, dando detalhes sobre a descoberta e exploração do abismo Guy Collet.

⁵ Fonte no site da Akakor www.akakor.com/progetti/akakor

⁶ Fonte no site da Akakor www.akakor.com/soci





Acima: Entrada para o rio Aracá. Foto: Alessio Romeo. Ao lado: preparação de equipamentos durante a viagem de barco. Foto: Daniel Menin



local onde estava plotado o Abismo Guy Collet. E, se existia uma cavidade com um desnível tão grande, as chances de encontrar outras era algo animador. Aliás, vale a pena destacar que o abismo descoberto pelo Akakor estava exatamente na borda da escarpa sul e a pouca distância da trilha de acesso ao topo. Tínhamos um “mundo” inteiro para explorar.

No começo de 2015 já começávamos os preparativos para uma nova e grande expedição. Nos meses subsequentes foram intensificados os contatos e definida a logística. No começo dos preparativos tentamos de todas as formas viabilizar o uso de um helicóptero para o transporte das equipes e equipamentos até o acampamento base no alto da montanha. A facilidade e rapidez nos deslocamentos faria toda a diferença. Contudo, o custo era exorbitante (algo na faixa de 120 mil reais), principalmente considerando o peso a ser transportado e que as opções deste tipo de aeronave, estavam todas localizadas em Manaus, a mais de 500 km de distância do Aracá. Em meados de abril de 2015, desistimos e partimos para uma organização mais tradicional com deslocamento de Manaus a Barcelos em grandes barcos regionais, de Barcelos até o início da trilha em barcos alugados para a nossa expedição e finalizando a caminhada a pé durante dois dias no meio da floresta por uma trilha que leva ao topo da montanha. Éramos 9 espeleólogos, sendo 4 do Bambuí (Carlos Grohmann, Daniel Menin, Alexandre Lobo e eu), o Bernardo Menegale Bianchetti do EGB e 4 italianos do La Venta (Alessio Romeo, Martino Frota, Luca Imperio e Pier Paolo Porcu).

Nesta mesma época estava em pleno desenvolvimento a elaboração da segunda edição do livro “As Grandes Cavernas do Brasil”. E com certeza o Abismo Guy Collet teria um espaço destacado, ocupando o topo da lista das grutas mais profundas do Brasil. Mas assim como outras cavidades que iriam ser tratadas no livro, pretendíamos verificar melhor as informações disponíveis, sobretudo o mapa que não apresentava muitos detalhes⁷. Com isso, a expedição Aracá 2015 teria como objetivos (1) a verificação de

alguns pontos identificados no sobrevôo, sobretudo no lado oeste e noroeste do maciço, (2) prospecção nas áreas próximas ao Abismo Guy Collet onde tínhamos informações da existência de outros abismos e (3) visitar o Abismo Guy Collet. Como os objetivos eram ambiciosos e o tempo era curto (pretendíamos ficar 7 dias no topo da montanha), resolvemos não economizar em equipamentos. Dispúnhamos de 800 metros de cordas, duas furadeiras à bateria, um gerador à gasolina, dezenas de materiais para fixação de cordas (em especial os parafusos Mult Monti que são a melhor opção para o quartzito), um drone, dois conjuntos de topografia com DistoX, dois telefones satelitais, etc. Ao todo eram quase 500 kg entre equipamentos, mantimentos e materiais de camping.

No final de junho chegamos em Manaus para encontrar os colegas do La Venta e seguir para Barcelos onde nos esperava o nosso guia e organizador local Allen Gadelha. Ele havia fretado uma embarcação ampla e confortável, com quartos para duas ou três pessoas e banheiros privativos. A tripulação era de 8 pessoas entre “práticos” (navegadores), guias nativos, o Allen e uma cozinheira. Com essa turma, a embarcação navegava 24 horas, inclusive no escuro da noite, o que para nós era incrível. Da cozinha não parava de sair comidinhas gostosas que eram servidas com fartura entre as refeições. Em igual velocidade chegavam as cervejas geladas estocadas no compartimento inferior da embarcação. A viagem tornou-se excepcionalmente bonita, confortável e divertida. Navegando nas águas escuras dos rios Negro e Aracá, cercados de uma vegetação exuberante e longe de qualquer tipo de civilização, sentíamos toda a grandiosidade daquela

⁷O único mapa divulgado do Abismo Guy Collet foi publicado no Informativo SBE em 2006. Somente um perfil esquemático sem muitos detalhes e em uma escala bastante reduzida.





Rio Negro. Foto: Daniel Menin.

paisagem. Além disso, os dias no barco foram uma boa oportunidade de conhecer melhor os amigos italianos (nenhum de nós havia se encontrado antes) e planejar os últimos detalhes da expedição. Realmente uma experiência única que vale a pena ser feita pelo menos uma vez na vida e não deixou nenhum remorso de ter desistido do helicóptero.

Depois de dois dias neste “hotel flutuante” fomos transferidos para “voadeiras”⁸ que fariam o percurso do último trecho navegável. Mas o que seria um “passeio” de cerca de 4 horas tornou-se um pesadelo de quase 8 horas. O rio estava baixo e a cada curva nos deparávamos com troncos caídos impedindo a passagem do barco. A motosserra e os facões trabalharam exaustivamente abrindo caminho em meio àquela floresta flutuante. Atingimos terra firme no meio da tarde e imediatamente começamos a caminhada. Um calor sufocante, uma vegetação fechada e um piso encharcado formavam o cenário que nos acompanharia ao longo dos próximos dias. Seja na planície amazônica, onde a mata era mais arbórea e densa ou no alto do platô dominado por uma vegetação rupestre dura e ressecada. E para piorar, ainda acabamos errando a trilha e perdemos um dia inteiro da nossa já apertada programação.

Ao atingir a parte alta da Serra do Aracá uma recompensa que já valia toda a viagem: a visão incrível da maior cachoeira do Brasil (Eldorado) que despenca verticalmente do topo do platô. Este atrativo justifica a visita turística na região, embora ainda seja uma atividade pouco frequente e limitada a alguns meses do ano. Um pouco mais adiante, o local do acampamento, provavelmente o mesmo usado pela expedição pioneira do Akakor⁹. O local ficava em uma encosta suave com uma vegetação baixa e vários descampados propícios à montagem das barracas. Um pouco mais abaixo, uma pequena drenagem garantia o abastecimento de água, o local para lavar utensílios e tomar banho.



Alessio Romeo



Daniel Menin

⁸Voadeiras são embarcações pequenas, feitas de alumínio e com fundo chato. Movidas por motores de popa conseguem se deslocar rapidamente e ao mesmo tempo podem passar em locais com pouca profundidade.

⁹ Em uma árvore próxima encontramos uma inscrição “Tatunca Nara”.



O mais incrível é que, a poucos metros de distância, esta drenagem sumia entre blocos, chamando atenção para uma possível cavidade, embora os relatos das expedições anteriores não citassem nada sobre a existência de uma gruta praticamente dentro do acampamento¹⁰.

No dia seguinte, parte da equipe saiu em busca da entrada do Abismo Guy Collet enquanto os outros se dedicavam à prospecção de novas áreas. A vegetação, embora baixa, se apresentava muito densa, e rapidamente percebemos que tentar seguir o caminho mais direto nem sempre seria uma boa ideia. O solo era também bastante encharcado e normalmente caminhávamos com água cobrindo as botas. Depois de algumas horas de trilha¹¹ chegamos às coordenadas especificadas no mapa. Estávamos bem na borda do maciço que despencava verticalmente até a planície amazônica. As fotos da entrada publicadas no Informativo SBE e os spits instalados no início de um poço, não deixavam dúvidas de que estávamos no lugar certo. Mas as certezas pararam por aí. A morfologia da gruta não lembrava em nada a topografia e até mesmo a posição da entrada deixava dúvidas a respeito do local onde estariam os prosseguimentos. Logo próximo à entrada existiam duas continuações verticais que coincidiam com os relatos publicados, mas tínhamos muitas dúvidas a respeito de qual seria a principal. A primeira - e mais evidente continuação do conduto - era o natural do conduto que seguia reto da entrada até interceptar um abismo amplo que tomava toda a área do piso. A segunda consistia de uma abertura modesta junto à parede direita desta mesma galeria. Pelos relatos, o acesso aos locais mais profundos não seria na passagem mais evidente, conforme o texto publicado: “Mas voltando ao ponto de partida, avistamos uma outra via e iniciamos a descida por ela” (Epis, 2006). Esta descrição sugere que a continuação principal não seria a mais evidente¹².

Voltamos ao acampamento e traçamos a estratégia de formar duas equipes que iriam se revezar na instalação das cordas. Assim, para permitir que os trabalhos se estendessem até tarde da noite, montamos uma barraca próximo à entrada. Enquanto a equipe de exploração estivesse dentro da caverna, a outra montaria e abasteceria o acampamento.

A primeira equipe desceu o abismo situado na lateral da galeria e atingiu um salão com blocos e espeleotemas descrito em vários artigos: “(...) é um salão de cerca de 30m de diâmetro com um grande bloco no centro sobre cuja superfície aparecem numerosas estalagmites em formação (...)” (Epis & Ayub 2006). Contudo as profundidades eram bem menores que as informadas¹³ e a descrição do fundo do abismo como sendo algo que “podemos descer sem plantar outros spits por mais ou menos 50m” (Epis & Ayub



Galeria horizontal de entrada a partir da dolina na caverna Guy Collet, onde foram encontrados 2 spits fixados na base de uma descida vertical. Foto: Alexandre Lobo.



Abismo Guy Collet: primeiro lance vertical onde foram encontrados os espeleotemas. Até neste ponto, a descrição nos relatos do Akakor são bem realistas. Foto: Daniel Menin

2006) não correspondia ao local encontrado: um salão com centro afunilado e laterais formadas por taludes inclinados com 4 a 5 metros de altura. A equipe ainda insistiu na exploração, desobstruindo uma passagem de acesso a uma galeria descendente que provavelmente não foi investigada anteriormente. Este novo abismo vertical desceu mais 30 metros até fechar completamente com sedimento e blocos.

No segundo dia, a outra equipe retoma os trabalhos tendo como foco o abismo mais amplo localizado no final da galeria.

A base do primeiro poço com aproximadamente 20 metros, é um aglomerado de blocos abatidos. Entretanto, a única continuação evidente está localizada em baixo de um bloco inclinado por onde soprava um vento frio e intenso.

Os dois spits que encontramos (um na parede e

¹⁰ Em um primeiro momento não verificamos as possibilidades de encontrar uma passagem entre os blocos. Mas alguns dias depois, ao verificar atentamente o sumidouro, descobrimos a Gruta Campo Base.

¹¹ Ao repetir a caminhada entre o acampamento e a entrada do Abismo Guy Collet acabamos encontrando trilhas mais marcadas e limpas, o que permitiu reduzir o tempo de deslocamento para aproximadamente 1 hora.

¹² Além de consultas aos relatos publicados, conversamos com alguns dos protagonistas que participaram das expedições de 2006 (ano da descoberta) e 2007. E as descrições nunca foram conclusivas, embora as características da gruta não sejam tão complexas ao ponto de dificultar a identificação das continuações. Contudo, todos foram unânimes em afirmar que não existia nenhuma passagem difícil de ser encontrada. Atualmente consideramos mais factível a possibilidade de a continuação principal ser o abismo no final do conduto da entrada e não o da lateral da galeria.

¹³ Na nossa topografia o abismo tem 49 metros em relação aos 60 metros descritos no artigo publicado no Informativo SBE (Epis, 2006).





Acima, Acampamento avançado (próximo ao abismo), croquis durante topografia (Daniel Menin) e jantar durante o acampamento no alto da serra (Alessio Romeo).

outro no bloco) sugeriam que a continuação era ali. A passagem era apertada e somente dois de nós conseguiram passar. O quebra-corpo desembocava em um abismo estreito e pouco profundo. Uma nova fenda com piso inclinado podia ser vista poucos metros abaixo. O lado descendente levava a um novo poço ainda mais apertado. No outro lado, o conduto tinha dimensões bem maiores e desembocava no vazio, com continuações verticais acima e abaixo. Logo percebemos que se tratava do abismo explorado no dia anterior (a corda ainda estava instalada) e que a corrente de ar na verdade confirmava a ligação entre as

duas áreas da caverna. Embora esta ligação entre os dois abismos fosse evidente, era totalmente ignorada no mapa ou pelas pessoas que participaram das expedições anteriores ao abismo¹⁴. Descemos ainda a passagem do lado oposto (o abismo apertado) mais 10 metros até sermos bloqueados por uma passagem entupida de sedimento (areia).

Retornamos ao acampamento frustrados e decepcionados por não termos encontrado as possíveis continuações do Abismo Guy Collet. Por outro lado, tínhamos a certeza de ter feito um trabalho detalhado. As duas equipes tinham topografado as áreas visitadas e, com certeza teríamos um levantamento preciso dos locais atingidos. Voltamos mais um dia para recolher parte do equipamento que havia ficado para trás e aproveitamos para verificar algumas possibilidades, sobretudo nos níveis superiores. Encontramos uma nova entrada e galerias planas que conectavam ao trecho já conhecido, ampliando a cavidade tanto em extensão como desnível.

Resumindo, o máximo que conseguimos atingir no Abismo Guy Collet foi a cota de -107 metros. No entanto, vale ressaltar que nesta medida do desnível incluímos a descoberta de uma nova entrada (6 metros mais alta que a conhecida) e a exploração de um abismo de 30 metros no salão dos espeleotemas. Se não fosse isso, o desnível da gruta não passaria de 64 metros. Então temos um problema!!! Um grande problema. E no final da expedição tínhamos mais dúvidas do que respostas aos nossos questionamentos.

Para tentar entender melhor todo esse mistério e as possíveis contradições, procuramos separar as informações publicadas e coletadas nas várias conversas que tivemos com membros das expedições anteriores em três aspectos: (1) descrição morfológica da cavidade, (2) técnicas, equipamentos e equipe envolvida e (3) mapeamento. Tivemos acesso a artigos publicados em português, italiano e inglês. Embora as fontes e autores não sejam os mesmos, vários trechos das narrativas são idênticos e fica difícil saber a verdadeira autoria. Mas um aspecto é unânime em todas as narrativas: mesmo em italiano (língua nativa de dois dos três espeleólogos que participaram da exploração) os relatos são dúbios e de difícil compreensão. Alguns termos são estranhos ou pouco usuais na terminologia espeleológica e não são raros os trechos onde a narrativa se perde na sequência dos fatos. Muitas vezes os autores são minuciosos nas explicações de aspectos secundários e breves na descrição de pontos-chave para o entendimento da cavidade. Ficamos horas e mais horas (dispúnhamos de muito tempo nas viagens de barco) analisando e discutindo os textos publicados pelo Akakor. E até hoje temos dúvidas sobre o significado de vários trechos, como por exemplo: “Usamos o foco da lanterna e notamos a base que desce para o interior do planalto e termina em um enorme precipício” (Epis & Ayub 2006). Em outra passagem: “Arrumamos o equipamento e começamos a preparar as ancoragens para o poço principal, mas com algumas dificuldades, devido a dois

¹⁴ Em conversas telefônicas com outros espeleólogos que participaram das explorações em 2006 e 2007, nenhum deles mostrou ter conhecimento desta ligação.



grandes blocos em equilíbrio precário, nada tranquilizantes; as dimensões tornam impossível sua contenção e, portanto, decidimos refazer as ancoragens e graças também a uma transversal de uma quinzena de metros conseguimos evitar o perigo” (Epis & Ayub 2006). Dá até para imaginar o que os autores tentam descrever, mas o texto não é compreensível.

A descrição morfológica do Abismo Guy Collet

O primeiro aspecto que chamou a atenção pelas suas contradições foi a descrição da entrada. Ayub (2007) em seu artigo publicado nos Anais do Congresso Brasileiro de Espeleologia e Epis (2006) no Informativo SBE citam exatamente o mesmo: “A entrada da caverna (...) era constituída de um portal no meio de uma parede de quartzito e dali já se parte para um negativo de 35 metros (...)” (Epis, 2006 e Ayub, 2007). Existem dois problemas graves nesta descrição: o tal abismo, que não é vertical e tem somente 14 metros não é a entrada principal da caverna. Quando chegamos ao local indicado pela coordenada publicada pelo Akakor, imediatamente percebemos que o caminho mais óbvio e fácil seria descer para o fundo da depressão por uma rampa inclinada sem o uso de cordas. No fundo uma abertura baixa e evidente conduz ao interior da caverna.

O único obstáculo era um degrau de pouco mais de 1,5 metros que estava bastante escorregadio devido à matéria orgânica acumulada sobre a rocha. Já no interior da gruta percebemos que uma claraboia logo acima do acesso principal poderia ser o tal abismo citado nos artigos. Ao dar a volta por fora encontramos no alto do paredão o local onde foi tirada uma foto publicada no Informativo SBE com a legenda “Entrada da caverna mais profunda do Brasil, da América do Sul e a mais profunda em quartzito do Mundo: Abismo Guy Collet” (Epis, 2006). Até a árvore que aparece ao lado do espeleólogo fazendo rapel era a mesma. Não é possível imaginar que alguém usaria este acesso vertical com cordas ao lado de uma passagem praticamente plana e sem dificuldades. E o pior; nem citar a existência desta opção.

Também fica evidente em vários pontos da descrição o uso de adjetivos que enaltecem a descoberta, muitas vezes exagerando as verdadeiras características dos abismos. No trecho: “(...) mas ao abismo que de imediato já tem aspecto de possuir um grande potencial (...)” (Epis, 2006) fica evidenciada uma característica do Abismo Guy Collet que não é totalmente verdadeira. O poço inicial é pequeno (14 metros), estreito e não inspira maiores expectativas até mesmo no mais otimista dos espeleólogos. Comparada com outras cavidades notáveis no quartzito, seja no Brasil ou na Venezuela, poderia ser classificada como desprezível. Não que uma entrada “desprezível” não possa revelar uma cavidade importante, mas no caso em questão, esta descrição não corresponde a realidade.

Outro aspecto que gerou grandes dúvidas foi a descrição da galeria existente logo nos primeiros

metros: “Ao fundo havia um patamar de uns 6 metros quadrados, o único nível topográfico positivo de toda a exploração” (Epis, 2006 e Ayub, 2007). Quem lê imagina uma saliência estreita e apertada de onde despenca uma continuação vertical. Custamos a acreditar, mas na verdade o local corresponde a uma galeria plana com seção verticalizada (tipo uma fenda) com quase 30 metros de extensão e larguras variando de 2 a 4 metros. Ou seja, quase 100 m².

Ainda nesta linha encontramos a descrição do abismo que acessa ao salão onde foram encontrados espeleotemas. “Descemos um outro poço de 60 metros onde encontramos estalagmites e estalactites. Interessantíssimo! Ficamos muito tempo a admirar a ornamentação do salão encontrado e quando passou o estado de contemplação, fizemos um reconhecimento na área e descobrimos que a caverna terminava ali.” A existência dos espeleotemas não deixa dúvidas de que se trata do abismo situado logo nos primeiros metros da gruta e onde encontramos dois spits cravados no topo. Só que a nossa topografia revelou uma medida de 49 metros. Além disso, a caverna continuava em uma passagem estreita e vertical por mais 30 metros até a cota -107 metros. Temos a certeza de que esta continuação, embora evidente, não havia sido explorada, uma vez que alguns blocos tiveram que ser removidos para dar passagem.

Embora não tenhamos certeza do local onde existe ou existiu a continuação da gruta, os dados divulgados (mapa e artigos) deixam claro que as medidas de desnível não são precisas. Somente nas galerias iniciais podemos confirmar diferenças de 60 a 100% entre as medidas no nosso levantamento e o mapa e artigos publicados pelo Akakor.

Técnicas, equipamentos e equipe envolvida

O equipamento envolvido na exploração de uma cavidade com mais de 600 metros de profundidade em um local com acesso tão difícil merece um capítulo à parte tamanho o esforço e logística envolvidos no transporte e instalação das cordas. Mas os relatos publicados e a conversa com um dos integrantes da expedição¹⁵, não foram muito esclarecedores. A única citação publicada menciona que “tínhamos apenas 200m de corda” (Epis & Ayub 2006). Logicamente esta corda não seria suficiente para explorar uma cavidade predominantemente vertical como citada nos relatos: “Foram nove abismos, um depois do outro, dos quais 5 negativos” (Epis, 2006) e em outro artigo: “se trata de uma caverna predominantemente vertical apresentando 32 descidas dos quais 11 são negativos (...)” Ayub, 2007. Embora contraditórios, não há dúvida de que o Abismo Guy Collet é uma cavidade predominantemente vertical onde é obrigatório o uso das cordas. Muitas cordas. Supondo que eles tinham mais cordas no acampamento base ou nos barcos, é difícil imaginar porque alguém levaria um volume tão grande de cordas para um local onde ainda não era conhecida sequer uma cavidade. Mais incrível ainda é entender porque

¹⁵ Conversa telefônica com Marcelo Brandt em Curitiba no dia 21 de julho de 2015.



optou-se em transportar quase 1 km de cordas¹⁶, ancoragens, mosquetões e fitas (o que pesaria certamente mais de 100 kg) e não levaram uma furadeira que pesa 2 kg e que pouparia dezenas de horas de trabalho e esforço.

Outro item do equipamento que chama a atenção nos relatos é sobre o telefone: “Subindo novamente instalamos o “espeleotel” que nos permitirá ter um contato direto”. Considerando a morfologia da cavidade e os tipos de comunicadores disponíveis atualmente¹⁷, deduzimos que o “espeleotel” só poderia ser o telefone com fio utilizado nas operações de socorro. Ou seja, para a equipe do fundo se comunicar com a superfície obrigatoriamente deveria ser instalado um fio entre elas. Também analisando os relatos percebemos que esta comunicação foi estabelecida até praticamente o fundo da cavidade: “Chegados ao fundo (...) Realizamos o contato com o resto do grupo para tranquilizá-los e para ser tranquilizados a respeito das condições meteorológicas” (Epis & Ayub, 2006). Ou seja, mais de 600 metros de fios estavam disponíveis. Não que não seja possível, mas certamente não é uma técnica usual em nenhum lugar do Mundo. E sem dúvida um trabalho e um peso adicional a já sobrecarregada equipe de exploração que era formada por três espeleólogos.

Como citado anteriormente, instalar fixações no quartzito não é uma tarefa das mais fáceis. Além disso, a maioria dos espeleólogos que atua neste tipo de litologia há muito percebeu que os spits não são uma boa opção, principalmente se instalados manualmente. A rocha, quase sempre friável, exige fixações profundas o suficiente para alcançar camadas mais duras. Entretanto, a expedição pioneira do Akakor optou por usar spits fixados com batedores manuais. E certamente não foram poucos. Em diversas passagens nos relatos, existem referências à fixação destas ancoragens: “plantamos os spits e montamos uma ancoragem dupla”, “dezenas de fracionamentos”, “plantamos 3 spits” (Epis, 2006 e Ayub, 2007). Fazendo uma conta rápida percebemos que estão enumerados pelo menos 30 spits. O que nos parece pouco considerando que os abismos não eram tão amplos, o quartzito exige cuidados adicionais para proteger a corda e as ancoragens naturais são raras. Nas publicações confirmamos que estas dificuldades também foram enfrentadas pela equipe do Akakor: “devemos plantar o primeiro spit porque a corda se esfrega contra a rocha cortante como uma lâmina” ou “colocamos um primeiro desvio para evitar um bloco em posição crítica” (Epis, 2006 e Ayub, 2007). Considerando os 30 spits enumerados e mais outros que não aparecem no texto (não faria sentido citar individualmente cada ancoragem) podemos estimar que seriam necessárias, no mínimo, 50 fixações artificiais. Sem uma furadeira, este trabalho braçal exige muita resistência e tempo das equipes. Cada spit instalado nestas condições exige 15 a 20 minutos, o que daria de 12 a 17 horas só para fixá-los¹⁸. Pelos relatos que não são muito conclusivos a exploração toda foi feita em 3



Equipe do Bambuí e La Venta realizando a primeira descida de instalação de cordas e topografia. Para o primeiro lance vertical foram usados spits já instalados. Foto: Alexandre Lobo.

dias e contou somente com 3 espeleólogos. Ou seja, pelo menos 1/3 do tempo a exploração foi dedicada a fixação de spits.

Mapeamento

Vários aspectos da exploração do Abismo Guy Collet podem ser considerados dúbios ou confusos. Menos o mapeamento. Antes mesmo de conhecer a cavidade era evidente a falta de informações importantes e corriqueiras de qualquer levantamento topográfico, como a planta baixa e orientação (indicação do Norte). Já depois de visitá-la os problemas tornaram-se ainda maiores. Comparando o mapeamento feito pelo Akakor e o do Bambuí & La Venta estas diferenças ficam ainda mais evidentes. Seja pela representação da entrada, a omissão da galeria plana que liga as duas continuações da gruta ou as divergências entre as profundidades indicadas dos abismos, nada além das coordenadas e algumas fotos remetem aos aspectos reais da cavidade. Também são contraditórias as informações sobre o equipamento utilizado no mapeamento. Epis descreve o “trabalho topográfico foi realizado utilizando-se de bússola e clinômetro, ambos de marca Suunto e precisão de 0,5 grau, trena de PVC e planilha de anotações” (Epis, 2006). Em outra publicação (Epis & Ayub, 2007) citam: “antes de descer procuramos medir com o laser a profundidade do poço, mas o instrumento dá valores irregulares: primeiro 60m, depois 90, então 80 e por fim 180”. Além de contraditórias as informações sobre o

¹⁶ Estimamos em 800 metros a quantidade necessária para chegar ao fundo.

¹⁷ Os dois equipamentos mais usados dentro da caverna seriam o TPS (Transmission Par le Sol) que utiliza o solo ou a rocha como meio de propagação e o comunicador com fio.

¹⁸ Também é muito comum no quartzito, que a fixação de um spit (ou qualquer outro tipo de ancoragem) não fique sólida o suficiente. Como a rocha é friável, o furo costuma ficar folgado, permitindo um movimento da ancoragem. Nestes casos, a resistência do spit ou parabolit fica visivelmente comprometida e deve-se fazer uma nova instalação em outro local.



uso de trena de PVC ou à laser, causa espanto a informação que esta última tenha conseguido fazer medidas de até 180 metros. Mesmo hoje, usando equipamentos mais precisos e de longo alcance, é praticamente impossível conseguir medidas acima de 100 metros, principalmente dentro de grutas onde a umidade da atmosfera e as imperfeições do anteparo onde é projetado o laser não são ideais. E no caso particular do Abismo Guy Collet ainda devemos considerar as dimensões reduzidas das passagens.

A discrepância dos valores atribuídos aos primeiros abismos (e que tivemos acesso) são enormes, chegando a mais do dobro das medidas reais. Algo impensável quando estamos tratando de um mapeamento classificado como 4C no grau BCRA19, que estabelece erros máximos entre 10 a 50 cm e detalhamento a cada base topográfica. Até mesmo as medidas do desnível e do desenvolvimento (670,6 e 896,4 metros, respectivamente), ao atribuir valores precisos da ordem de décímetros, sugere que o levantamento foi preciso e criterioso.

Outro aspecto incompreensível é o motivo da equipe do Akakor, apesar de ter retornado à Serra do Aracá em pelo menos duas oportunidades depois da expedição de 2006²⁰, não ter se preocupado em melhorar o mapeamento original. Será que o mapa produzido (sem norte e planta) era considerado o ideal? Será que as dificuldades em transportar e instalar as cordas desmotivou um retorno às áreas mais profundas da caverna? E por que os espeleólogos que participaram somente destas novas expedições não tiveram a curiosidade de conhecer um pouco da gruta mais profunda do Mundo em Quartzito²¹?

Mesmo depois de vários anos, o único registo cartográfico do Abismo Guy Collet é o publicado no Informativo SBE em 2006. Conversando com o editor da revista na época, Nivaldo Colzato informou que o original submetido para a edição era ainda mais impreciso. O próprio Nivaldo se prontificou a tratar graficamente o mapa criando condições para ser publicado. Em conjunto com a Sociedade Brasileira de Espeleologia solicitamos oficialmente ao Akakor os dados primários do mapeamento ou algo que pudesse esclarecer estas discrepâncias. Mas a resposta foi um longo e profundo silêncio que só introduziu mais dúvidas ao mapeamento.

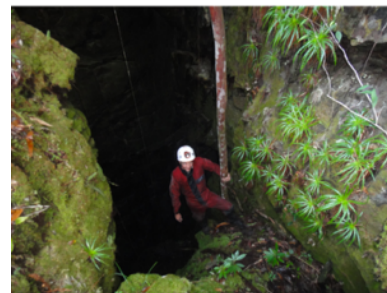
Mas o que pode ter acontecido? Não encontramos a passagem que acessa a parte profunda da gruta? Ou ocorreu um abatimento que bloqueou o acesso? Em uma cavidade tão instável, com blocos enormes que podem cair a qualquer momento, tudo é possível. Mas uma coisa é certa: o mapeamento produzido e os diversos relatos publicados pelo Akakor não são consistentes ao ponto de poder atribuir qualquer valor ao desnível. Principalmente quando se trata de estabelecer uma marca que seria uma referência mundial.



Parte do croquis realizado em expedição do Bambuí e estalagmites citadas nos primeiros relatos na base da sala no final da caverna.



Fotografias tiradas do mesmo ângulo da entrada superior do abismo. Acima expedição do Bambuí e abaixo expedição do Akakor.



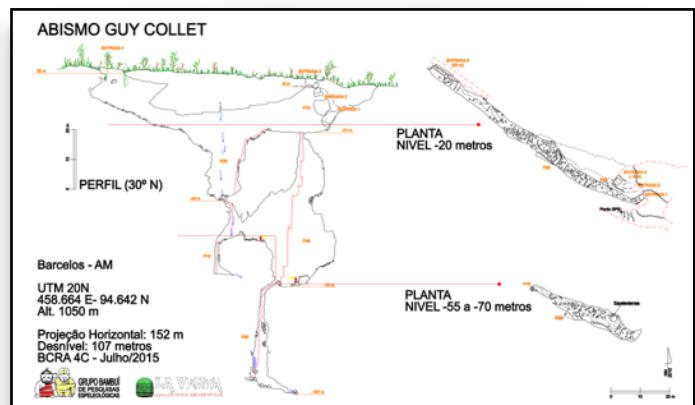
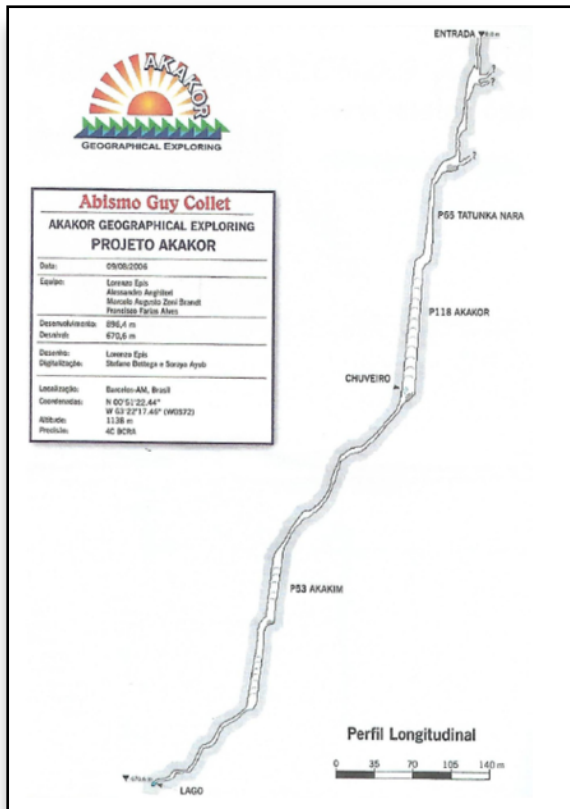
Atualmente a gruta mais profunda do Mundo é a Gruta do Centenário localizada no município de Mariana/ Minas Gerais com 484 metros de profundidade. A marca de 150 metros encontrada na recente topografia não é suficiente para incluir o Abismo Guy Collet nem entre as 10 mais profundas do Mundo em Quartzito. As evidências sugerem que, a menos que novas informações sejam fornecidas pela Akakor, recomenda-se adotar as medidas mais precisas obtidas pela expedição Bambuí/La Venta.

¹⁹ O mapa do Abismo Guy Collet que foi veiculado em várias publicações indicava o grau da topografia com sendo 4C pelo sistema do BCRA

²⁰ No site da Akakor consta somente a expedição de 2007 (além das anteriores de 2003, 2005 e 2006) <https://www.akakor.com/progetti/akakor/spedizione-abisso-guy-collet-2007/>. Contudo, em contatos com Emerson Gomes Pedro fomos informados que ocorreu uma nova expedição em 2010 com a participação de espeleólogos brasileiros e italianos. Nenhuma outra citação a esta expedição foi encontrada.

²¹ O espeleólogo Paulo Vassechi, que participou da expedição de 2007, disse que os objetivos da expedição não eram chegar aos locais profundos da caverna, mas sim coletar e analisar os espeleotemas. Com isso "limitaram a descida a aproximadamente 200 metros", embora o salão que identificamos como o local dos espeleotemas fica na cota -65 metros.





À esquerda mapa produzido pela Akakor em 2006. Acima, mapa do Abismo Guy Collet feitos durante a expedição Bambuí La Venta de 2015.

Referências

- Ayub, Soraya. 2006. Geology and Geomorphology Aspects of the Deepest Quartzite Cave in the World (Amazon, Brazil).
- Ayub, Soraya. 2007. A ONG Akakor Geographical Exploring Descobre a Caverna mais Profunda do Mundo em Quartzito: o Abismo Guy Collet com 670 metro de Profundidade. Relação Preliminar. Anais do XXIX Congresso Brasileiro de Espeleologia. Pag 31 a 3
- Epis, Lorenzo. 2006. Recorde Mundial de Profundidade. Expedição Amazonas 2006. Terra Misteriosa. Informativo SBE no 92. Pag 32 a 36
- Epis, Lorenzo & Ayub, Soraya. 2006 Abisso Guy Collet la grotta in quarzite più profonda del mondo (Amazzonia, Brasile). AKAKOR GEOGRAPHICAL EXPLORING



Dificuldades durante subida por trilha na mata (acima) e vista aérea da Serra do Araçá com o acampamento principal (abaixo). Fotos: Martino Frova.



Nova espécie troglóbia de Collembola é descoberta

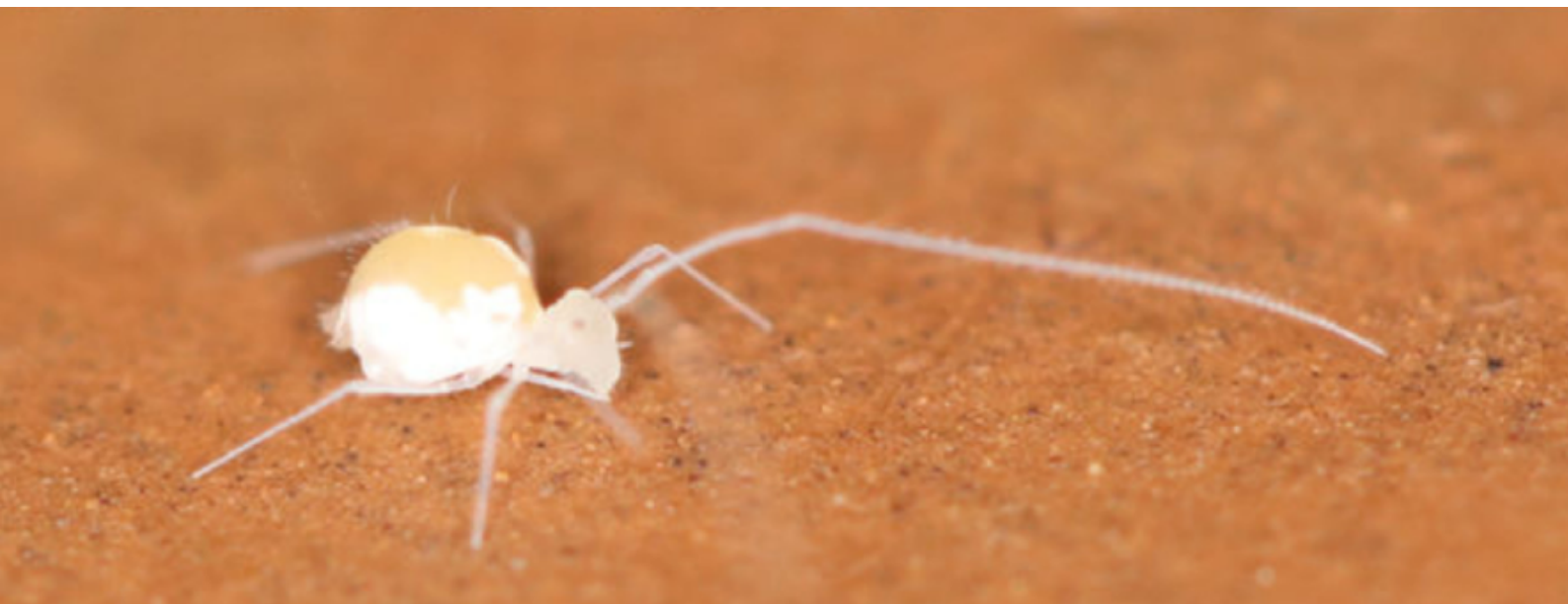
Troglobentosminthurus luridus foi encontrado na gruta Águas Claras, localizada na Serra do Ramalho (BA). O nome do novo gênero é uma homenagem a um analista ambiental do ICMBio/Cecav, bem como ao próprio Cecav e a muitos outros profissionais brasileiros comprometidos com a conservação dos ambientes subterrâneos.

A revista científica *Insects* acaba de publicar um artigo sobre a descoberta de mais uma espécie de troglóbio, organismos que vivem exclusivamente em ambientes subterrâneos. Encontrado na gruta Águas Claras, localizada na Serra do Ramalho (BA), a nova espécie de Collembola (os colêmbolos são pequenos artrópodes hexápodes e sem asas) foi batizada com o nome *Troglobentosminthurus luridus*, e como não foi possível encaixá-la em nenhum dos gêneros já existentes, o gênero *Troglobentosminthurus* foi descrito. É uma homenagem ao analista ambiental Diego de Medeiros Bento e ao Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Cavernas (ICMBio/Cecav), por todo o trabalho realizado e pelo apoio ao desenvolvimento de pesquisas sobre o carste e espécies associadas. O artigo homenageia também os espeleólogos, que ajudaram a revelar e preservar várias cavernas brasileiras.

De acordo com a publicação, a nova espécie, que é o colêmbolo mais troglomórfico conhecido no Brasil, pode ser ocasionalmente canibal, pois uma das fêmeas analisadas devorou outro macho de sua espécie. Além disso, a pesquisa forneceu chaves de identificação e tabelas comparativas para as subfamílias da família Sminthuridae e ao grupo de gêneros *Temeritas*.

Os troglóbios são considerados importantes indicadores da qualidade ambiental das cavernas e do ambiente onde eles ocorrem. No Brasil, há espécies troglóbias de praticamente todos os grupos de invertebrados - planárias, esponjas, crustáceos, aranhas, escorpiões, centopeias, piolhos de cobra, colêmbolos, traças, baratas, besouros, cigarras, grilos, caracóis etc., além de peixes.

O artigo “A Highly Troglomorphic New Genus of Sminthuridae (Collembola, Symphypleona) from the Brazilian Semiarid Region” - “Um Novo Gênero Altamente Troglomórfico de Sminthuridae (Collembola, Symphypleona) do Brasil” – foi desenvolvido por pesquisadores da Universidade do Rio Grande do Norte, Paolla Gabryelle de Souza, Gleyce da Silva Medeiros e Bruno Cavalcante Bellini, e da Universidade Federal de Lavras, Rodrigo Lopes Ferreira e Marconi Souza-Silva. O artigo pode ser consultado na íntegra [aqui](#).



Espécime vivo de *Troglobentosminthurus luridus* em seu habitat.

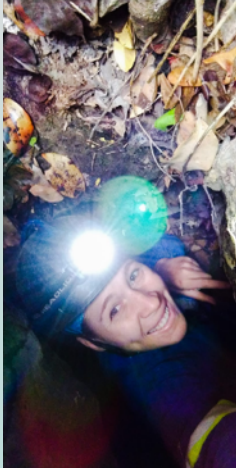


Foto: Acervo pessoal.

Giovana Batista Soares

giovana.bio23@gmail.com

Sou Giovana Batista Soares formada em Ciências Biológicas, pós em agronegócio e realizando mestrado em sustentabilidade no IFMG de Bambuí. Sou Bioespeleóloga desde 2018 e Espeleóloga desde 2016. Membro do Grupo de espeleologia de Pains-MG (EPA). Além de trabalhar com biologia subterrânea, já fui auxiliar de Prospecção e mapeamento de cavidades! Tenho uma grande paixão com descidas verticais e escalada em rocha natural. Através do professor Me. Lucélio Nativo me apaixonei pelas cavernas e pela conservação de todo patrimônio espeleológico. Aprendi muito com o Dr. Fábio Bondezan sobre os invertebrados cavernícola e essa imensidão da consultoria ambiental.



Maisa Melo

maisakely@gmail.com

Sou Maisa Melo, vice-presidente do Espeleogrupo Pains (EPA) e membra do grupo desde 2006. Embora minha formação e atuação profissional (professora de matemática e doutora em Finanças Quantitativas) não estejam diretamente relacionadas com o meio ambiente, eu reconheço que este tema deve estar presente nas nossas ações do dia a dia. Como sou painense (Pains-MG), cidade com uma grande riqueza espeleológica, me preocupo em especial com a preservação e estudo de cavernas, por isso minha prática junto ao EPA. Vivemos tempos difíceis no que diz respeito à conservação de cavernas e valorização da ciência como um todo. Mas, acredito que é possível conciliar atividades extrativistas com a conservação e o turismo em cavernas, esta é uma das minhas principais expectativas.



Foto: Pains (MG).



Espelgrupo Rio de Janeiro – ESPELEORIO

Fundação 03/07/2013



Grupo de Espeleologia Laje Seca – GELS

Fundação 10/07/1993



**Sociedade Carioca de Pesquisas
Espeleológicas – SPEC**

Fundação 26/07/1993



Espeleo Grupo Monte Sião – EGMS

Fundação 23/07/1972

A espeleologia do EGMS aos 50 anos

Por José Ayrton Labegalini

SBE 0110

Fundador do Espéleo Grupo Monte Sião (EGMS)

Ex-Presidente da SBE

Ex-Presidente da UIS



Na seção de Grupos Aniversariantes da SBE, na edição de número 421 do SBE-Notícias, de 05 de julho de 2021, foi publicada uma matéria sobre os 49 anos de existência do Espéleo Grupo Monte Sião (EGMS). Solicitado agora a produzir um texto sobre as “Bodas de Ouro” do Grupo, o autor toma a liberdade de reaproveitar partes do texto já publicado, com a atualização de algumas informações, enxerto de outras, mas com um adendo do compromisso do Grupo no seu 50º aniversário.

A espeleologia, que por definição é o estudo das cavernas, é uma atividade multidisciplinar e, como tal, pode abranger áreas científicas, sociais, técnicas, esportivas, culturais ou econômicas. Para qualquer área que se escolha para a prática da espeleologia, a interação pode variar da formalização de compromissos até a curiosidade pelo tema. A espeleologia pode ser praticada desde o empenho científico e rigoroso, sem interesses pela vertente esportiva, até a dedicação exclusiva para o esporte, a aventura ou ao turismo sem qualquer pretensão de cunho científico ou acadêmico. A sua multidisciplinariedade e a possibilidade de prática em várias vertentes do conhecimento e em vários graus de aprofundamento é que a faz atraente à prática e aglutinante de aficionados.

Embora a origem do EGMS remonte aos idos de 1967, na procura da lendária “Caverna do Morro Pelado”, em Monte Sião, no sul das Minas Gerais, o grupo adotou como referência da sua fundação o dia 23 de julho de 1972, pois nessa data foi organizada uma excursão para a Caverna do Diabo, no sul do estado de São Paulo, que foi um marco deveras importante na história do Grupo.

A distância às cavernas e a dificuldade da prática continuada da espeleologia, fez com que o EGMS sempre fosse um grupo de tamanho reduzido, membros contemporâneos e ativos

nunca mais que cinco ou seis amigos, característica que o leva a ser, muito provavelmente, o menor dos grupos de espeleologia da SBE e do Brasil. Outra singularidade do grupo é a inexistência de cavernas em Monte Sião ou região; são quase 500 km até o Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira (PETAR), no sul do estado de São Paulo, ou à Caverna do Diabo, no município de Eldorado (SP), onde ocorreram as primeiras incursões daqueles que fundariam o EGMS. Mais sui generis ainda é o EGMS ter adotado o Vale do Peruaçu, no norte de Minas Gerais, há mais de 1.200 km de distância, como sua região predileta de prática da espeleologia convencional.

O EGMS soube e sabe praticar a espeleologia no âmago da sua definição multidisciplinar, mostrou e mostra que cada espeleólogo pode praticar a espeleologia na área do seu conhecimento, e essa é também uma das maravilhas e características da espeleologia. As particularidades do EGMS, principalmente as distâncias, fizeram com que seus integrantes fossem aos poucos migrando da prática “gostosa” da espeleologia (ralação e exploração) para a espeleologia institucional, não tão excitante, mas igualmente importante e gratificante.

Nessa vertente da prática da espeleologia, o EGMS já esteve na presidência da SBE em três mandatos (1991-1993, 1995-1997 e 2005/2007); na Federação Espeleológica da América Latina e do Caribe (FEALC), já passou pela Secretaria Geral (1997-2001) e Secretaria Adjunta (2001-2009); na União Internacional de Espeleologia (UIS), já passou pela presidência (2005-2007), pela Secretaria Adjunta (2013-2022) e se mantém ativo no seu diretório, atualmente na Vice-Presidência de Operações, com a recente eleição do Nivaldo Colzato para esse cargo. O EGMS leva o nome do Brasil e representa a SBE nas assembleias da UIS desde os últimos anos da década de 1980, bem como participa ativamente da representação da SBE no exterior, através da Seção de Relações Internacionais da SBE (SERI/SBE).

Membros do EGMS, sempre em nome da SBE, apresentaram em 2015 uma proposta à UIS para a organização do 18º Congresso Internacional de Espeleologia - CIE, em 2021. A SBE desistiu da proposta em prol da França e pelo respeito à Federação Francesa de Espeleologia (FFS), pelo seu histórico na vida da UIS – lá foi organizado o 1º CIE em 1953; no entanto, uma semente ficou plantada. Após o 17º CIE, em Sidney, na Austrália, os mesmos membros do EGMS e representantes brasileiros foram cobrados e incentivados, pela nova diretoria da UIS, a ratificar a proposta de 2021 para 2025, para a comemoração do 60º aniversário de fundação da UIS. Com a autorização da Diretoria da SBE, essa proposta foi formalmente reapresentada à UIS e defendida em várias oportunidades nas suas reuniões anuais. Esse trabalho do EGMS culminou com a exigência de uma Assembleia Geral Extraordinária (AGE) em 2021, a primeira na história da UIS, para a confirmação do Brasil, através da SBE, conquistar o direito de organizar a festa de aniversário da UIS durante o 19º CIE, em 2025. Talvez, toda essa logística de apresentar a proposta, defendê-la, encaminhar carta de intenções, provocar uma AGE da UIS e participar do processo eleitoral da sede no CIE de 2025 sob a tutela da SBE, tenha sido a principal ação do EGMS nos últimos anos, em prol dos interesses da SBE e da espeleologia brasileira.

Pois é! Tem um ditado popular que diz: “Quem não tem cachorro caça com gato”. Assim também é (ou pode ser) na prática da espeleologia. Se você não tem cavernas por perto para visitar em finais de semana, pratique a espeleologia que lhe for possível, mas não desista dessa atividade maravilhosa que é a vivência da espeleologia, mesmo que não seja na sua forma mais saborosa (ralação e exploração), mas tão ou até mesmo mais gratificante, pois nesse caso o seu trabalho não reflete apenas no seu currículo, mas soma no currículo da sociedade a que você pertence.

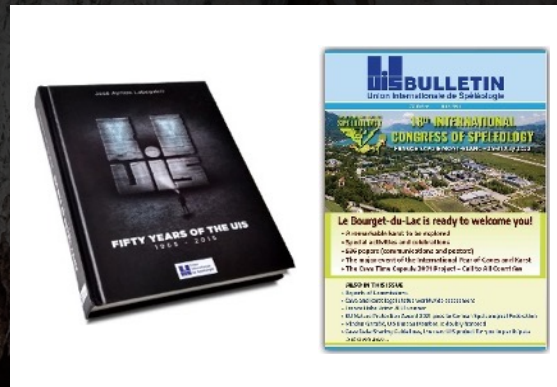
Na comemoração das suas “Bodas de Ouro” o EGMS assumiu e/ou está empenhado em alguns programas espeleológicos:

Participou e está participando ativamente de atividades relativas ao Ano Internacional das Cavernas e do Carste (IYCK-2021/22);

- Compõe ativamente a Comissão Organizadora do 19º CIE;
- Representa os interesses da SBE no cenário internacional da espeleologia;
- Tem a responsabilidade da edição do UIS-Bulletin até 2025;
- Está empenhado na condução da Vice-Presidência da UIS;
- Assumiu o compromisso de atualizar o livro FIFTY YEARS OF THE UIS 1965-2015, para os seus sessenta anos de existência, de 1965 a 2025.



“Reza a lenda” que o EGMS é o grupo de espeleologia brasileiro mais longe de uma caverna”. Talvez por isso, ninguém sabe ao certo, o EGMS tenha dedicado uma parcela tão grande de sua existência às causas institucionais. O certo mesmo é que o EGMS sempre acreditou nas instituições como base para o desenvolvimento e fortalecimento de qualquer comunidade, e isso vale também para a comunidade espeleológica.



Diretório da UIS 2022/2025 em Le Bourget-du-Lac, França, em 31/07/2022. ESQUERDA PARA DIREITA: José Maria CALAFORRA (Secretário Adjunto/Espanha); Patricia SEISER (Secretária Adjunta/EUA); Mario PARISE (Secretário Adjunto/Itália); Johannes MATTES (Secretário Geral/Áustria); Mladen GARAŠIĆ (Tesoureiro/Croácia); Gerard CHAMPION (Secretário Adjunto/Reino Unido); Zdeněk MOTYČKA (Vice-Presidente de Administração/República Checa); Nadja ZUPAN HAJNA (Presidente/Eslovênia); Bärbel VOGEL (Secretária Adjunta/Alemanha); Nivaldo COLZATO (Vice-Presidente de Operações/EGMS/Brazil); Nathalia Vanessa UASAPUD ENRÍQUEZ (Secretária Adjunta/Colômbia), e Marc MENTENS (Secretário Adjunto/Filipinas). Foto: José Ayrton Labegalini.

Sơn Đoòng na página de abertura do Google

A Caverna Sơn Đoòng, considerada a maior do mundo, foi homenageada pelo Google com um Doodle. A ilustração exibida na página inicial do buscador celebra o aniversário de 13 anos do local, descoberto oficialmente em 14 de abril, em 2009.

Localizada no Parque Nacional de Phong Nha-Kẻ Bàng, no Vietnã, ela possui mais de 3,8 milhões de metros cúbicos e foi declarada Patrimônio da Humanidade pela UNESCO em 2003.

Outras informações em [Techtudo](#).



Sơn Đoòng foi homenageada com um Doodle na janela de abertura do Google no dia 14/04/2022.

espaço do leitor

SEVEM - EGRIC

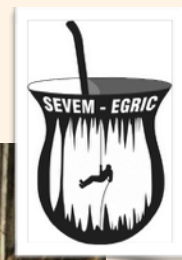
Seção de Espeleologia Vertical Erva Mate (SEVEM) do [@egric_sp](#)



Treino de fracionamento e desnível de 30 metros na Ponte do Esqueletinho, município de Rio Claro. Temos da esquerda para a direita: Larissa Kimura, Felipe Bonfá (Cássio), e Eduardo Piazzentim (Piá). Foto: Saul Riffel, julho de 2022.



Batismo da turma de técnicas verticais de 2015, Ponte do Esqueletinho. Temos da esquerda para a direita: Raphael Parra (no chão), Leonardo Tibana, Gabriella Luíza, Luís Gustavo Trettel. Foto: Vanderlei Farias, dezembro de 2015.



Fonte: Instagram [@sevem.egric](#)



64 anos do Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira!

No dia 19 de maio o Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira (PETAR) completou 64 anos!



O parque é uma área de proteção ambiental que abriga mais de 400 cavernas, diversas cachoeiras e uma das maiores extensões de Mata Atlântica preservada e embora sua existência deva ser celebrada, ainda há muito a se fazer e lutar!

O parque vive hoje um período de instabilidade, podendo ser concedido à iniciativa privada por 30 anos em um processo do Governo de SP (@governosp) e Fundação Florestal (@fundacaoflorestal) sem participação popular!

Para saber mais, veja o nosso post e acompanhe a página @petarsemconcessao!

O que é o PETAR
(Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira)?

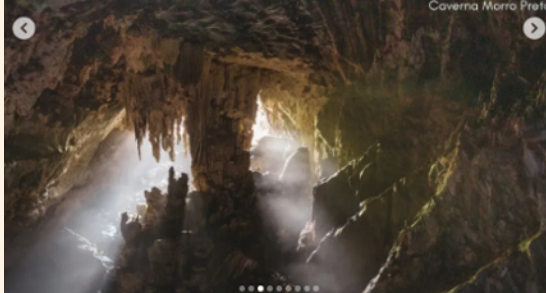
- Criado em 1958, fica no Vale do Rio Ribeira de Iguape, sul do Estado de São Paulo
- Uma das maiores áreas de **Mata Atlântica preservada**
- Mais de **400 cavernas** conhecidas
- Atrativos turísticos como **trilhas, cachoeiras e 19 cavernas** abertas à visitação


Caverna Feminina - Foto: Octavio Campos Salles

O que é o PETAR
(Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira)?

- A região do **Alto Vale do Ribeira** é o lar de **comunidades tradicionais quilombolas e ribeirinhas**, além de **moradores locais** que incluem os **guias locais**.
- Essas **populações construíram um turismo sustentável** ao longo de décadas, sendo este uma das **principais fontes de renda** da região



Caverna Morro Preto



**DIVULGA
GEOLOGIA
INFORMA**

PETAR SEM CONCESSÃO

Luta contra a concessão do Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira por 30 ANOS

Pontos relevantes sobre a concessão do PETAR

- A empresa concessionária terá **direito exclusivo**, por **30 anos**, de exploração livre e comercial, o que pode gerar concorrência aos moradores locais e, conseqüentemente, afetar a principal fonte de renda da população;
- O Governo de SP **não exige** da concessionária experiência em conservação, investimento no entorno do parque e mecanismos efetivos de inclusão da população local;
- **Não foram apresentados** estudos técnicos de impacto socioambiental e econômico para a região;
- A empresa externa tomaria posse da infraestrutura existente, **construída pela população local**;
- **Não houve diálogo** com os moradores locais, comunidades tradicionais, pesquisadores e ambientalistas.





O Grupo de Espeleologia de Apiaí (GESAP) deseja um feliz aniversário ao parque PETAR nosso quintal de casa. São 64 anos de história e conservação do meio ambiente.

Viva o PETAR!!

agenda



Agenda



18º Congresso Internacional de Espeleologia

França, 24 a 31 de julho de 2022.

Click na logomarca para acessar o site.



Curso de Espeleorresgate 2022

De 03 a 11 de setembro

Local: Pains (MG)



ENCONTRO INTERNACIONAL DE CANIONISMO-RIC

Brasil, 16 a 25 de setembro de 2022.



37º Congresso Brasileiro de Espeleologia

Curitiba, 26 a 29 de julho de 2023.



SPELEO-BRAZIL 2025

19º Congresso Internacional de Espeleologia (CIE)
Belo Horizonte, em 2025.





Comissão Editorial:
Roberto Cassimiro (Editor)
Regianne Kelly (Co-Editora)
Elizandra Goldoni Gomig
Lucas Rabelo

Colaboradores:
Edvard Dias Magalhães (Saiu na mídia)
Heros Lobo (Coluna Espeleoturismo)

Contato:
sbenoticias@cavernas.org.br

Capa: Rio Negro
Foto: Daniel Menin



MISSÃO

A SBE Notícias é o Boletim Eletrônico da Sociedade Brasileira de Espeleologia (SBE) que possui dentre os objetivos transmitir as notícias da Espeleologia aos interessados no assunto, bem como servir de acervo do conteúdo produzido e atividades realizadas pelos Grupos atuantes na Espeleologia e também pelos espeleólogos independentes. Visamos também manter os sócios da SBE informados do andamento dos trabalhos desenvolvidos pela atual Diretoria.

Para enviar contribuições, críticas, elogios e sugestões utilize o e-mail de contato da comissão editorial. Contamos com vocês para construir um SBE – Notícias mais completo e interessante.

Sociedade Brasileira de Espeleologia - SBE

Endereço da sede SBE:

Avenida Dr. Heitor Penteadó, sem número
Portão 2 (frente 1655) Parque Taquaral,
Campinas/SP

Endereço de correspondências:

Caixa Postal 7031, Campinas/SP - CEP
13076-970

Todas as edições estão disponíveis em
www.cavernas.org.br/sbenoticias.asp

A reprodução é permitida, desde que
citada a fonte.

Quer se cadastrar para receber as próximas edições por e-mail?

Envie a solicitação para o e-mail:
sbe@cavernas.org.br

Contribua com o informativo

O boletim tem sido elaborado de forma colaborativa e está aberto a contribuições de toda a comunidade espeleológica. É divulgado na primeira semana de cada mês, entretanto, caso tenha interesse em contribuir com conteúdo, os textos e imagens devem ser encaminhados ao corpo editorial pelo email de contato até o dia 20, para que possam ser incluídos na próxima edição.

Todos estão convidados e aptos a participar das edições da SBE – Notícias. Você pode contribuir com relatos das ações de seu grupo, divulgação de atividades e conteúdo pertinente. Contudo, torne seu texto atraente ao leitor, seja sintético, foque o mais importante da história e evite citar listas de nomes. Inicie com um parágrafo explicativo, sempre que possível respondendo perguntas simples, como: "O quê" e/ou "Quem?", "Quando?", "Onde?", "Como?", e "Por quê?". Os textos não devem ultrapassar duas páginas sendo formatados com as letras em tamanho 12, espaçamento simples e margem normal. Recomenda-se o envio de ao menos quatro figuras alusivas ao conteúdo, a fim de tornar a contribuição mais atrativa ao leitor. Não esqueça de referenciá-las sempre, da maneira mais completa possível.

Temos também a sessão de divulgação de trabalhos científicos, destinada a dar visibilidade às publicações de espeleólogos brasileiros que saíram no mês ao qual a edição do informativo é referente. Para divulgar seu trabalho científico, basta nos enviar um pequeno resumo de até sete linhas seguindo a mesma formatação sugerida para os demais textos de contribuição e uma figura ilustrativa.

Você também pode contribuir na seção "Foto do Leitor", basta enviar suas fotos com nome do fotógrafo, caverna, data, município onde a imagem foi captada, bem como na seção "Arte do Leitor", basta enviar um poema, uma gravura, um desenho com o tema Espeleologia ou temas afins.

Apoio



A SBE é filiada

